

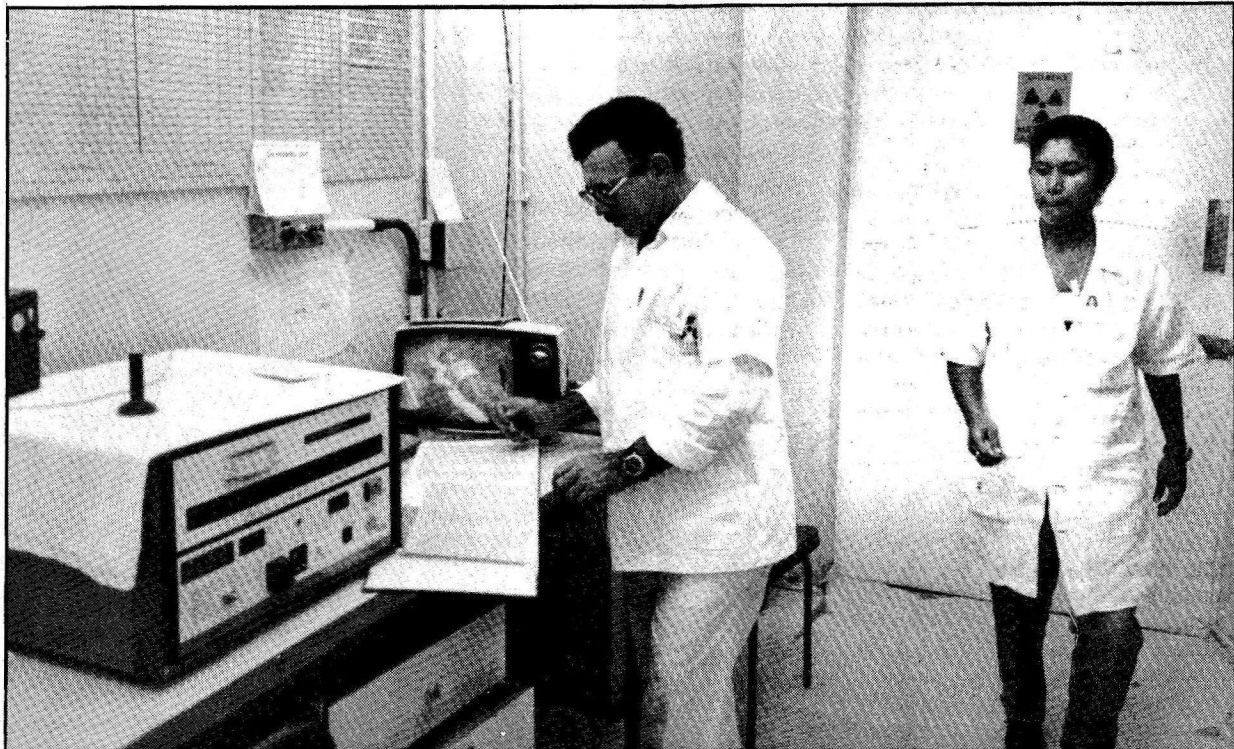
Desativação de equipamento deixa doentes de câncer sem tratamento

Edson Gêo

O único aparelho de radioterapia do Hospital de Base do Distrito Federal, utilizado no tratamento de pacientes cancerosos, foi desativado no último dia 20 de janeiro. Embora condenado e ultrapassado, com a desativação o aparelho deixa cerca de 60 pessoas sem atendimento diário. Há alguns meses o aparelho funcionava precariamente atendendo só casos de emergência, já que representava perigo para os próprios pacientes. O tratamento de Edineuza Siqueira já apresentava resultados animadores. A suspensão causou revolta na paciente que esperou até o último dia 17 para receber um encaminhamento para continuá-lo em Belo Horizonte. Rafael Barbosa, vice-diretor do HBB informou que um novo aparelho aguarda somente a reforma da unidade radioterápica para ser instalado.

O vice-diretor explica que o antigo aparelho destruiu muito mais do que curava. Pessoas com casos de câncer na tireóide, por exemplo, recebiam radiação no corpo todo. "Não era mais possível angular o aparelho", conta Barbosa. Os pacientes estão sendo removidos para outras unidades como a de Belo Horizonte, para onde irá Edineuza.

Depósito — Ela havia feito 10 sessões de uma série de 22, quando o tratamento foi suspenso. A grande queixa da paciente se relaciona com o que ela classificou como transformação da unidade em "de-



Médicos do Hospital de Base aguardam novo equipamento de radioterapia que foi importado do Canadá

pósito de lixo". "Colocaram um aparelho quebrado na sala onde eu fazia as sessões, depois disseram que o tratamento ia parar", conta Edineuza. Rafael Barbosa justifica a suspensão com a chegada do novo aparelho canadense.

A troca dos aparelhos inclui a quebra da cápsula de cério para que os técnicos canadenses dêem um novo destino à peça. O físico nuclear da unidade, Reinaldo Guiotti Bueno, diz que o aparelho é muito

caro, por isso, não pôde ser comprado a mais tempo. A Theratronics International, fabricante do aparelho, é a mais conhecida no mundo. Um reforço de concretagem e no revestimento de chumbo se fez necessário por novas exigências da Comissão Nacional de Energia Nuclear. Até o início de março o aparelho deve estar em pleno funcionamento, só dependendo do final das obras e da vinda dos técnicos canadenses. O aparelho

viajou do Canadá para Nova Iorque de caminhão, de Nova Iorque para o Rio e depois para Brasília, de avião. Tudo dentro de normas rígidas de segurança, e proteção, porque qualquer estrago pode ser perigoso.

A Secretaria de Saúde em convênio com o SUS dessas unidades pagará a passagem dos pacientes, que, como Edineuza, precisam se tratar em outros lugares.